

Celular, sala de aula e produção de vídeos: MOOC para formação audiovisual de professores

Ana Raquel da Cruz Proença*

UTFPR. Av. Sete de Setembro, 3165 - Rebouças - Curitiba - PR - Brasil.
anarproenca@gmail.com*

Tarliz Liao

UNIRIO. Av. Pasteur, 457 - Urca - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

Resumo

O presente artigo aponta para as possibilidades de uso dos *smartphones* (celulares) como ferramenta de produção de vídeos em sala de aula. Para tanto, pretende-se discutir como a produção de vídeos consolida-se enquanto ferramenta potencializadora no processo de ensino e aprendizagem, refletindo, assim, a necessidade de professores quanto a uma formação audiovisual para interagir nessa prática pedagógica. Analisaremos o desenvolvimento de um MOOC (*Massive Open On-line Course*) que contribui(u) para a formação audiovisual de professores, com foco na produção de vídeos utilizando o celular. Esse curso, hospedado em uma plataforma gratuita de cursos *on-line*, apresenta em sua ementa conceitos básicos sobre linguagem cinematográfica, produção de roteiro e edição de vídeos, além de atividades práticas que também podem ser utilizadas no dia a dia da sala de aula. Dessa forma, destacamos que, anteriormente à ideia de um professor mediar alguma atividade que envolva as TDICs em suas aulas, é necessário que este se instrumentalize, saiba aplicar “ferramentas” e utilizá-las com criticidade.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação tecnológica. Formação audiovisual.

Abstract

This article is suitable for the use of intelligent telephones (cellular telephones) as a tool of video production in class. For this reason, it is destined to be discussed as a consolidated video production: it is an empowering tool, in the process of teaching and learning, which reflects the need for teachers regarding audiovisual training to integrate practical pedagogical practice. We will analyze the development of a MOOC (Massive Open On-line Course) that contributes an audiovisual form of conductors, with a focus on the production of videos using cellular telephones. This course, housed in a free on-line course platform, is moderated by presenting basic concepts about film language, video production and video editing, as well as practical activities that can also be applied daily in class. From this point of view, we emphasize that before the idea that a conductor mediates in any activity that involves digital technologies in their classrooms, it is necessary that they are instrumented to apply "tools" and use them critically.

Keywords: Teacher training. Technological education. Audiovisual training.

Notas introdutórias

Com o advento do uso de *smartphones* e das tecnologias portáteis, é evidente que o acesso ao consumo e à produção de vídeos tornou-se mais fácil. Consequentemente, o uso desses aparelhos está presente também na escola, lugar onde frequentam nossos alunos, conhecidos como “nativos digitais” (PRENSKY, 2001), e favorece o contato constante com as inúmeras mídias digitais presentes na atualidade. No entanto, apesar de toda a facilidade ao utilizar as tecnologias digitais, a mediação do professor para que essa utilização aconteça de maneira crítica, saudável e útil torna-se necessária.

Conforme Belloni (2001, p. 21), as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) são “o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas”. Sendo assim, os vídeos digitais produzidos por meio do celular fazem parte desse universo.

Nessa direção, e na presença da multiplicidade de linguagens e recursos digitais disponíveis, torna-se imprescindível que o professor saiba dominar ferramentas que envolvam áudio, vídeo, manipulação e edição de imagens. Por isso, é importante que haja cursos e programas de formação de professores que possam instruir esses profissionais a serem capazes de, antes de aplicar atividades que requerem o uso das tecnologias digitais móveis (nesse caso, aqui, o celular), utilizar ao máximo os recursos que estão todos os dias na palma de sua mão e, com isso, não apenas atualizarem seus currículos e práticas, mas também passarem a conhecer mais possibilidades que seus *smartphones* podem oferecer e, assim, utilizá-lo como ferramenta pedagógica.

Porém, haja em vista o quantitativo expressivo de professores contrapondo a oferta de cursos de capacitação docente, tanto pelas próprias instituições de ensino quanto pelos estados e municípios, em decorrência da sobrecarregada carga horária docente ou por demandar investimentos, é importante que existam alternativas para a atualização do currículo docente que sejam de fácil acesso e de qualidade.

Nesse sentido, a Educação a Distância(EaD) pode ser um importante instrumento de formação profissional, pois, além de ser acessível, possibilita que os professores possam buscar por cursos que contemplem a utilização e integração das tecnologias digitais em suas práticas.

Dentre os recursos disponíveis na Educação a Distância, os MOOCs (sigla em inglês para Massive Open On-line Course) são cursos que têm grande potencial, no sentido de proporcionar formação de qualidade. Nos últimos anos, têm crescido o número de estudantes devido às suas características: possuem curta duração, abrangem um grande público, o material didático é disponibilizado em plataformas *on-line* e, geralmente, não exigem pré-requisitos para sua realização. São exemplos de plataformas que disponibilizam cursos MOOCs: Khan Academy, Udemy, EdX, Couseira, Udacity, Veduca.

Dessa forma, este artigo intenciona apontar para as possibilidades de uso do celular como ferramenta que poderá auxiliar na produção de vídeos em sala de aula, apresentando o percurso teórico que norteou e subsidiou a construção de um produto educacional – MOOC – utilizado por docentes interessados em aprender sobre a utilização do celular na produção de vídeos.

1 Contextualizando: nativos e imigrantes digitais

As tecnologias digitais adentraram em nosso cotidiano e trouxeram transformações na sociedade do conhecimento. Consequentemente, a escola “recebe” novos alunos que já fazem parte dessa transformação. PRENSKY (2001) denomina esses novos alunos, nascidos a partir dos anos de 1990, como “nativos digitais”, pois cresceram inseridos pelas tecnologias digitais, em meio a computadores, conexão à internet, videogames, redes sociais, telefones celulares. Eles estão acostumados a enviar mensagens instantâneas enquanto baixam músicas, editam uma imagem e leem um texto em alguma rede social.

Prensky (2001, p. 01) também afirma que “nossos alunos mudaram radicalmente. [...] não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado” e, por isso, já não se adequam mais a uma metodologia estática, com imagem, lousa e texto.

Nesse sentido, se os alunos são considerados “nativos digitais”, aqueles que não nasceram no mundo digital e que tiveram acesso tardio às tecnologias digitais podem ser chamados de “imigrantes digitais”.

Nas palavras do autor:

É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de um manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. (PRENSKY, 2001, p. 02)

É interessante perceber que, conforme a definição de Prensky, em geral, podemos discernir quem são, dentro da escola, os nativos e os imigrantes digitais. Infelizmente, a escola ainda encontra dificuldades para se adequar às novas necessidades dos nativos digitais, justamente por falar uma linguagem por vezes “ultrapassada” e, conseqüentemente, ensinar um público que já está falando uma linguagem completamente nova.

Contudo, é importante destacar que essa “oposição” entre nativos digitais e imigrantes digitais foi importante, em um primeiro momento, para que acontecessem reflexões acerca das diferenças comportamentais, culturais e até mesmo cognitivas entre as gerações.

No entanto, ao repensar essa divisão, Prensky propõe o conceito de “sabedoria digital”, que permite que haja uma “gradação escalar” entre nativos e imigrantes digitais e considera que “a diferença de idade e as diferenças entre nativos e imigrantes certamente serão menos relevantes futuramente” (PRENSKY, 2010).

Nesse sentido, há muitas mudanças que a escola terá que compreender (e não vencer) e absorver (e não resistir), e encarar como desafios que despontam nessa nova era digital.

Um desses desafios será a readequação (de currículo, avaliação, espaço físico, etc.) para receber alunos que são totalmente diferentes em relação às outras gerações, pois pertencem a “um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa.” (VEEN; VRAKKING, 2009, p. 29). Dessa forma, a escola precisará transformar “seu modelo (e sua práxis) de comunicação, isto é, que torne possível o trânsito de um modelo linear - que encadeia unidirecionalmente graus, idades e pacotes de conhecimento - a outro descentrado e plural [...]” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 62), pois, segundo o autor, os alunos de hoje

[...] habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a

consulta à Wikipedia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. (SERRES, 2013, p. 27)

Portanto, é preciso repensar o real papel da escola na era da informação e comunicação. Hoje, ela não é mais o único lugar em que se aprende e, por isso, precisa ser um espaço de reinvenção dos saberes, aberto, democrático e inclusivo. Um espaço de reflexão crítica sobre a vida, o mundo e a sociedade.

Consequentemente, outro desafio vem à tona: o professor também precisa reinventar seu papel dentro da escola, ainda que esteja em fase de formação digital, encarando sua função como a de um facilitador de aprendizagem, permitindo que o aluno nativo digital seja autônomo, pois, “a fim de que a educação seja capaz de atender às demandas do amanhã, os professores terão de considerar sua tarefa de educar a juventude de uma nova maneira, contribuindo de maneira significativa para a sociedade.” (VEEN; VRAKKING, 2009, p. 99).

1.1 Letramento digital e formação audiovisual de professores

O trabalho com os nativos digitais na escola requer cada vez mais que professores estejam em constante atualização, pois docentes que se desafiam a aprender e entendem a distância entre sua formação inicial em relação ao contexto atual de seus alunos, oportunizam que novos conhecimentos sejam construídos.

Uma das principais demandas atuais, por conta do avanço das TDICs, é saber utilizar os recursos digitais disponíveis de forma assertiva. Trocar mensagens via *e-mail*, *sms* ou redes sociais específicas, buscar por informações relevantes em *sites* da internet, fazer o *download* de vídeos, músicas ou imagens, são algumas das habilidades que permitem que o indivíduo possa ter a capacidade de responder de maneira adequada às exigências da sociedade em relação à utilização dos recursos tecnológicos. Essas habilidades representam o que chamamos de letramento digital.

Como o conceito de letramento digital tem se tornado abrangente, optou-se por conceituá-lo conforme os estudos de Freitas (2010), que traz o letramento digital para o contexto da formação inicial e continuada de professores.

Para o autor, letramento digital é o

conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente.(FREITAS, 2010, p. 339)

Portanto, ser “letrado digitalmente” é, em linhas gerais, conhecer as tecnologias digitais e saber utilizá-las com criticidade para alcançar objetivos específicos.

Nesse sentido, entende-se que, ao terem contato com práticas de letramento digital, os professores têm a possibilidade de olhar de forma crítica para o que a tecnologia digital oferece. Além disso, quando esses docentes conhecem os diversos gêneros e linguagens utilizados pelos alunos, as chances de integrá-los em suas aulas de forma criativa são maiores e mais assertivas, pois “o professor é parte inerente e necessária a todo esse processo, em seu lugar insubstituível de mediador e problematizador do conhecimento, [...] que também aprende com o aluno” (FREITAS, 2010, p. 348).

Logo, é evidente a necessidade de haver programas de formação inicial e continuada focados no letramento digital de professores. Ainda que grande parte dos docentes possa já estar “conectada” e em contato com o mundo digital, utilizando os recursos tecnológicos seja para fins pessoais ou até mesmo profissionais, a constante atualização e autoavaliação acerca do uso das tecnologias digitais é imprescindível.

Além disso, a resistência às mudanças no âmbito escolar pode ser minimizada, quando os professores se sentem seguros para utilizar recursos digitais em suas aulas. Também é possível que os professores tornem-se mais abertos a aprender com seus próprios alunos acerca da utilização de algum recurso, como aplicativos móveis, programas e *sites* específicos sobre determinado assunto, etc.

1.2 Formação audiovisual de professores

Entende-se por formação audiovisual de professores, projetos de formação inicial, continuada, cursos livres, de extensão, presenciais ou a distância, focados na análise e compreensão da linguagem cinematográfica, contemplando tanto a teoria quanto a prática, de forma que o indivíduo possa, além de consumir audiovisual, produzir, compartilhar, criar conteúdos com recursos disponíveis atualmente, sejam câmeras profissionais ou simplesmente aparelhos de celular. Assim:

Incorporar a linguagem cinematográfica na formação de professores é produzir encontros que possibilitem esses processos, na tentativa de desnaturalizar construções que vão se tornando familiares e, portanto, difíceis de serem problematizadas para que outras possam ser aprendidas ou (re)aprendidas.(OLIVEIRA, 2017, P.101)

Uma vez que professores saibam utilizar com criticidade e coerência o computador, o celular, enfim, os recursos digitais disponíveis atualmente, conseqüentemente poderão adquirir novas habilidades para poder aplicá-las em seu dia a dia e também em sala de aula.

Ao produzir vídeos, por exemplo, outros conhecimentos podem ser conquistados, que vão desde lidar com equipamentos, como câmeras, celulares, tripés, luz, microfones, até produzir coletivamente um roteiro por meio de um editor de textos *on-line*, manipular aplicativos de gravação e edição de vídeos, como também saberes básicos acerca da linguagem cinematográfica.

Dessa forma, uma formação audiovisual coerente e de qualidade é aquela que permite que professores sejam capazes de filmar, editar em programas de computador ou aplicativos, inserir textos e transições simples, exportar e fazer *upload* no Youtube, por exemplo. Além disso, o processo de formação audiovisual auxilia na compreensão do processo de manipulação e construção de imagens, seus ritmos, formas, e suas múltiplas linguagens.

Tendo em vista a necessidade de que as formações focadas na produção de vídeos mudem do cenário escasso e passem a ser oportunizadas com maior frequência e de acordo com as demandas que o mundo digital nos exige, uma das maneiras de reafirmar ou até mesmo introduzir esse tipo de formação, seria por meio de cursos *on-line*, pois esses têm o potencial de democratizar e tornar o conhecimento

mais acessível, visto que o ensino a distância e *on-line* tem a capacidade de estar em qualquer lugar e em qualquer momento.

2 Produção de vídeos como potencial ferramenta de ensino e de aprendizagem

De acordo com uma pesquisa realizada em 2017 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), consumir vídeos *on-line* passou a ser mais frequente no Brasil. O crescimento passou de 49% para 71% entre 2012 e 2017. O Youtube ocupa o segundo lugar entre os *sites* mais acessados no Brasil e no mundo, conforme dados do *site* Alexa (consultado em setembro de 2019). Ainda, conforme a referida pesquisa, é possível identificar que o ato de compartilhar vídeos (73% dos internautas) supera a criação e postagem de vídeos (37%).

O crescimento e a popularização dessa ferramenta possibilitam que mais pessoas possam ter não somente acesso, mas também produzir seus próprios conteúdos. Nesse sentido, a escola também deve estar inserida nesse processo, uma vez que esse recurso tem se tornado cada vez mais acessível e tem o potencial de dinamizar e enriquecer as aulas.

Dessa forma, é importante que o incentivo à utilização do vídeo como instrumento didático seja cada vez maior, pois, além de fazer parte do contexto dos alunos nativos digitais, permite que a escola supere o “descompasso [...] em relação aos avanços dos meios de comunicação” (PAZZINI; VIEIRA, 2013, p. 02)

Contudo, vale ressaltar que o vídeo:

[...] atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional (MORAN, 1995, p. 01)

Portanto, serão inúmeros os desafios a serem superados, tanto pelos professores quanto pelos os alunos, a começar pela cultura de que o vídeo não é

apenas uma ferramenta de entretenimento, mas de informação e de comunicação. De acordo com Moran (1995), uma das formas de se trabalhar a produção de vídeos em sala de aula pode ser por meio da “documentação”, ou seja, registrar eventos, aulas, estudos do meio, experiências, entrevistas, depoimentos, realidades acerca da escola, da cidade.

Assim:

Entender a rua, o bairro, o vizinho, a cidade com o cinema é entrar em uma relação com o outro e, simultaneamente, em uma atividade crítica e criativa – do plano, do quadro, da luz, do ritmo. Em outras palavras, aproximar os estudantes do que o mundo tem a nos dar e, simultaneamente, permitir que eles criem e inventem com esse mundo. (MIGLIORIN, 2015, p. 10)

Ao entrarem em contato com o registro por meio de vídeos, os alunos têm a oportunidade de ressignificar o olhar acerca da realidade em que estão inseridos, podendo participar ativamente por meio de mobilizações a partir da investigação e pesquisa acerca de um determinado assunto. Conforme Fresquet (2008, p. 09), “aprender a olhar a realidade com atenção, a pensar ou intuir como dar forma às ideias, a partilhar decisões e explicar as próprias escolhas, o que, de alguma maneira, constitui uma outra forma de se relacionar com o mundo e com os outros.”

Além da documentação, é possível trabalhar com vídeos como forma de “intervenção”, ou seja, “interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados” (MORAN, 1995, p. 04). Tal ação estimula a criatividade e a capacidade de síntese, além de instigar os alunos a explorar programas de edição de vídeos e, conseqüentemente, a adquirir novos conhecimentos e habilidades audiovisuais.

Considerando, ainda, as propostas de MORAN (1995), tem-se o vídeo como “expressão”, cujo objetivo é estimular os alunos a produzir vídeos que possam condizer com suas necessidades e realidades, ou seja, vídeos que comuniquem, mas também que possam estar adaptados à sensibilidade dos alunos. Os projetos, nesse caso, contemplam produções interdisciplinares, lúdicas, que integrem várias linguagens e saberes.

Com isso, pode-se refletir que produzir vídeos na escola proporciona outras formas de ser e estar em aula, pois o papel do professor como protagonista do processo de aprendizagem passa a ser descentralizado (OLIVEIRA, 2017), uma vez que o ato de produzir vídeos permite a troca e a construção coletiva do conhecimento.

Ao produzirem vídeos sobre determinado assunto, apresentado e mediado pelo professor, os alunos poderão ter a oportunidade de ampliar e reconfigurar ideias e conhecimentos pré-existentes e relacioná-los com sua própria realidade.

Além disso, produzir vídeos exige que sejam utilizados recursos digitais como acesso à internet, à câmera do celular, ao computador, por exemplo. Essa prática contribui para o letramento digital do aluno, podendo levá-lo a refletir sobre a utilidade dos recursos tecnológicos disponíveis e suas possibilidades para além do entretenimento. Dessa forma, é possível constatar também que o trabalho com produção de vídeos resulta na criação do próprio objeto de aprendizagem por parte dos alunos. Após todo o processo de gravação, edição e exibição das produções, professores e alunos podem avaliar todo o processo de construção do projeto e o que foi aprendido.

3 O uso do celular para produzir vídeos

Com o vultoso advento das tecnologias digitais móveis, facilmente se tem, hoje, na palma de nossas mãos, não apenas um telefone, mas também uma câmera que pode ser utilizada para a produção de vídeos em sala de aula. Conforme Pereira *et al*:

O constante avanço tecnológico e o crescimento da produção na área das comunicações facilitaram o acesso a câmeras digitais e celulares e muitas pessoas, fazendo com que, hoje em dia seja possível produzir uma foto ou vídeo. Dessa forma, envolver alunos de escolas cuja realidade permita realizar um projeto de produção de vídeos pode torná-los mais ativos e reflexivos no processo de aprendizagem, engajados intelectualmente em um processo recursivo, sendo o espaço escolar visto como um centro irradiador de conhecimento e o professor como um mediador.(PEREIRA et.al., 2011, P.09)

Nesse sentido, incluir as tecnologias digitais móveis como recurso de ensino e de aprendizagem pode ampliar as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação (LEMOS, 2009, p. 28) e também permitir que a construção do conhecimento possa ser realizada de forma colaborativa e significativa.

Além de ser acessível - tanto em termos de mobilidade quanto por ser um instrumento presente no dia a dia dos alunos e dos professores -, o celular permite que vídeos sejam gravados e editados por meio de aplicativos específicos e gratuitos disponíveis para *download*. No entanto, sabe-se que, apesar das constantes mudanças tecnológicas e digitais que a sociedade tem vivido, a escola tem dificuldades em acompanhar todas essas transformações. Consequentemente, isso impacta diretamente nas possibilidades que os professores poderiam ter para poder ensinar e nas oportunidades que os alunos poderiam se beneficiar para aprender.

O uso do celular em sala de aula ainda é um assunto polêmico nas legislações municipais e estaduais. Há leis e regulamentos que proíbem o uso desses aparelhos na escola, ou então há documentos que flexibilizam e permitem que os professores decidam quando e como utilizar o celular para fins pedagógicos.

Tendo em vista esses cenários, é recomendável que a escola compreenda o contexto atual em que os alunos estão inseridos e interprete como uma oportunidade de se aproximar desses. Também é necessário que haja acordos entre a escola e os alunos, a fim de estabelecer diálogos acerca da utilização do celular para fins pedagógicos e responsáveis.

4 O MOOC como ferramenta auxiliar na formação audiovisual de professores

Embora seja reconhecida a importância de os docentes terem cursos de formação que contemplem o uso e a aplicabilidade das TIDC's na educação, dados da pesquisa TIC Educação 2016, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI,.br), demonstram que 70% dos professores entrevistados afirmaram não ter participado de algum curso de capacitação referente ao uso das TIDC's para sua prática pedagógica e, dos professores que realizaram algum curso de capacitação, apenas 11% o fizeram quando ofertado pela escola onde atua, durante treinamentos.

A partir desses dados, e apesar da escassez de oferta de cursos de capacitação ou até mesmo de incentivo, seja advindo das próprias escolas ou Secretarias da Educação, há um movimento, ainda que pequeno, de professores que têm buscado aprimorar seus conhecimentos e atualizar suas práticas atrelando-as ao uso das tecnologias digitais.

A referida pesquisa demonstra também que 12% dos docentes pagaram com recursos próprios pelos cursos de capacitação realizados. Isso revela que professores estão engajados a procurar por formações além das exigidas ou ofertadas pela comunidade escolar.

Nesse sentido, os cursos de educação a distância se tornam grandes aliados à formação docente, justamente por permitirem que o conhecimento e as informações possam ser acessados a partir de qualquer dispositivo conectado à internet, em qualquer lugar, com baixo ou nenhum custo.

É nesse contexto que encontramos os MOOCs (*Massive Open On-line Courses*), que são cursos ofertados na modalidade a distância, massivos, abertos e distribuídos na internet e mediados pelas tecnologias digitais. Conforme Mattar (2013, p. 30) “[...], um MOOC é em princípio um curso *on-line* (que pode utilizar diferentes plataformas), aberto (gratuito, sem pré-requisitos para participação e que utiliza recursos educacionais abertos – REA) e massivo (oferecido para um grande número de alunos).” Portanto, o objetivo principal dos MOOCs é o de permitir que qualquer pessoa possa aprender sobre assuntos de interesse ou, então, aperfeiçoar habilidades que podem ser úteis tanto na vida acadêmica quanto na profissional.

Nos últimos anos, esse modelo de curso a distância tem se propagado em diversas plataformas virtuais. Uma das principais diferenças entre esse tipo de curso e os demais da modalidade EaD encontra-se no fato de que os MOOCs são abertos, ou seja, podem ser acessados por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, desde que haja conexão com a internet. Diante dessa vantagem, as pessoas têm buscado por cursos que atendam às suas necessidades de forma prática, direta e, principalmente, democrática. Outra diferença existente entre os MOOCs e os demais cursos a distância está no fato de que os MOOCs exigem muita atuação e interação entre os participantes, por meio, principalmente, de fóruns (RIEDO, 2017). De acordo com este (2017, p.77): “[...] por meio da interação, a aprendizagem colaborativa é incentivada e o curso perde a frieza do participante isolado no computador. A

interação também estimula e motiva a continuidade no curso, evitando o abandono, problema muito frequente em EaD.”

De fato, esses aspectos contribuem para que os MOOCs sejam uma oportunidade de aprofundamento acerca de algum assunto, de democratização do acesso ao conhecimento e, também, de compartilhamento de informações específicas em diferentes áreas e diferentes níveis.

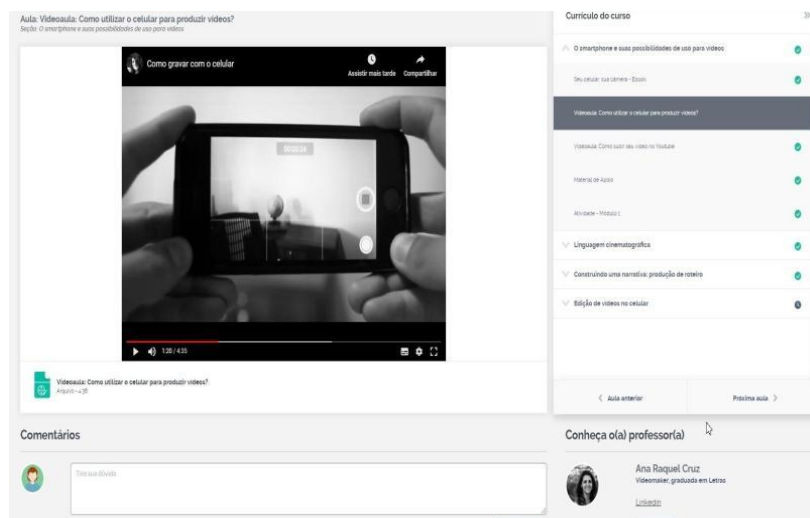
4.1 Construção do MOOC: seu celular, sua câmera: produção audiovisual para professores

Este artigo apresenta, nesse ponto, um MOOC voltado para professores, tendo como objetivo abordar, de forma simples e introdutória, conceitos básicos acerca da produção audiovisual e que podem ser facilmente aplicados utilizando a câmera do celular, tornando o trabalho com vídeos mais acessível, tanto para o próprio professor quanto para sua prática no contexto escolar.

O curso (MOOC) recebeu o nome de "Seu celular, sua câmera: produção audiovisual para professores" e foi hospedado em uma plataforma digital chamada Coursify.me. A referida plataforma permite que os usuários possam cursar ou criar cursos de forma gratuita ou, em alguns casos, mediante pagamento. Além disso, ela oferece serviços de customização, hospedagem de vídeos e documentos e integração com outras plataformas, como Dropbox e Youtube.

Os cursos podem ser organizados por módulos e, em todas as seções, há um espaço de “comentários”, que permite a possibilidade de discussão e de interação entre os cursistas, que, como já visto, são ferramentas essenciais em cursos *on-line*, pois possibilitam a troca e a construção coletiva de conhecimentos.

Figura 1 – Área do cursista



Fonte: Autoria própria (2019)

O referido curso teve seu conteúdo revisado e aprimorado, visando estar adequado a uma aprendizagem conectivista, oferecendo recursos educacionais abertos (REA) e vários formatos de mídias, como vídeos, livros, artigos e *sites*, de forma a permitir que os participantes possam ter acesso a informações além daquelas contidas no MOOC. O curso foi dividido em quatro módulos, com carga horária de 20h.

Cada módulo contém seções que tratam de assuntos específicos acerca da produção audiovisual e também uma atividade ao final, cujo objetivo é, além ser um instrumento de avaliação e de autoavaliação, oportunizar a construção do conhecimento por meio de atividades práticas. Tais atividades foram construídas de forma a permitir que o cursista possa refletir sobre sua própria aprendizagem (autoavaliação) e também avaliar e ser avaliado pelos demais cursistas (avaliação entre os pares). O objetivo é que, ao final do MOOC, os cursistas estejam aptos a produzir vídeos com seus celulares e a desenvolver habilidades como escrita de roteiro, gravação e edição de vídeos.

O quadro a seguir tem o objetivo de demonstrar o sumário detalhado do curso, contendo os módulos e seus respectivos objetivos, as descrições, seções, atividades avaliativas e os recursos educacionais utilizados.

Quadro 1 - Sumário detalhado do MOOC

MOOC	Seu celular, sua câmera: produção audiovisual para professores
Link de acesso	http://audiovisualnaescola.coursify.me/courses/producao-de-videos-em-sala-de-aula-utilizando-smartphone
Módulo 1	O <i>smartphone</i> e suas possibilidades de uso para vídeos
Objetivos	Compreender as principais funções do celular para produzir vídeos; compreender como fazer o <i>upload</i> dos vídeos no Youtube; criar um vídeo de apresentação pessoal.
Descrição	Nesta aula, você vai explorar os recursos disponíveis em seu celular, vai aprender como utilizar o modo "vídeo" e conhecer alguns aplicativos que facilitam a produção de vídeos.
Seções	a) Seu celular, sua câmera: Como utilizar o celular para produzir vídeos?

	<p>b) Dicas para filmar com o celular, configurações de vídeo e aplicativos para gravação e edição de vídeos e de áudio.</p> <p>c) Como publicar vídeos no Youtube?</p>
Atividade do módulo 1	Criar um vídeo de apresentação pessoal, publicar no Youtube e postar no fórum de discussão, comentando sobre os desafios e dificuldades encontrados no momento da produção desse primeiro vídeo.
Recursos educacionais	Videoaula, indicação de artigos científicos, tutoriais, plano de aula, trechos de filmes, indicação de <i>sites</i> e <i>blogs</i> .
Módulo 2	Linguagem cinematográfica
Objetivos	Compreender os principais conceitos da linguagem cinematográfica; criar um vídeo, contemplando um dos aspectos da linguagem cinematográfica e postar no fórum.
Descrição	Nessa aula, você vai conhecer os principais elementos que compõem a linguagem cinematográfica.
Seções	a) Plano, tomada, cena, sequência
Atividade do módulo 2	Criar um vídeo, contendo uma cena e ao menos um plano de filmagem e postar no fórum. Avaliar o vídeo de algum participante, com base no roteiro de avaliação disponibilizado na plataforma.
Recursos educacionais	Videoaula, tutoriais, trechos de filmes, indicação de <i>sites</i> e <i>blogs</i> .
Módulo 3	Construindo uma narrativa: produção de roteiro
Objetivos	Compreender as principais características do roteiro, sua função na produção audiovisual e seus formatos.
Descrição	Nesta aula, você vai conhecer os princípios básicos para construir um roteiro de vídeo.
Seções	<p>a) Introdução ao roteiro</p> <p>b) Construção de personagens</p> <p>c) <i>Storyboard</i></p>
Atividade do módulo 3	Produzir um pequeno roteiro, com até cinco cenas, e postar no fórum, avaliando-o de acordo com o questionário de avaliação da estrutura do roteiro, disponibilizado na plataforma.
Recursos educacionais	Videoaula, artigo científico, tutoriais, trechos de filmes, plano de aula, indicação de <i>sites</i> , <i>blogs</i> e aplicativos.
Módulo 4	Edição de vídeos
Objetivos	Conhecer e explorar aplicativos de edição de vídeos no celular; produzir um vídeo, com base no roteiro criado no terceiro módulo, gravado e editado; avaliar a produção audiovisual de algum participante.

Descrição	Nessa aula, você vai conhecer alguns aplicativos para edição de vídeo no celular!
Seções	a) Aplicativos e dicas para edição de vídeo no celular
Atividade final	Gravar, com o celular, o roteiro produzido na aula anterior (módulo 3); editar em um aplicativo para celular; postar o vídeo no Youtube e, em seguida, postar o <i>link</i> no fórum. Avaliar o vídeo de um cursista, fazendo um comentário sobre a produção audiovisual feita por ele.
Recursos educacionais	Videoaula, tutoriais, trechos de filmes, indicação de <i>sites</i> , <i>blogs</i> e aplicativos.

Fonte: Autoria própria (2019)

Como foi possível observar, o curso teve o intuito de contribuir para a formação audiovisual do cursista (nesse caso, os professores), trazendo conceitos básicos e atividades práticas que também podem ser utilizadas no dia a dia da sala de aula. Além disso, as atividades permitem que os cursistas interajam entre si, o que contribui com a troca de conhecimentos, pois haverá diversidade de experiências e áreas do conhecimento reunidas com um objetivo em comum.

Assim, o conhecimento passa a ser um processo em constante evolução, no qual alunos e professores podem aprender e ensinar juntos, pois produzir vídeos na escola “proporciona outras formas de ser e estar em aula, pois descentraliza o papel do professor, como figura central do processo de aprendizagem. Dessa maneira, foge da repetição e massificação de conhecimentos dados.” (DEUS, 2014, p. 163)

Ao final do MOOC, o cursista é convidado a produzir um vídeo, reunindo os aprendizados ao longo dos módulos, e a postá-lo no fórum de discussão, para que os outros participantes possam apreciar. Além de engajar o cursista a produzir algo e, com isso, aprender fazendo, esse tipo de atividade tem o potencial de torná-lo mais confiante para utilizar as tecnologias digitais, resultando em um ganho importante para sua formação profissional.

Considerações finais

Este artigo apresenta um ponto final; entretanto, paradoxalmente continuativo, no sentido de que a perspectiva de aprendizado dos nativos digitais consolida-se melhor no viés da tecnologia e, ainda, que a produção de vídeos poderá ser uma

aliada nessas aquisições. Consideramos que esse produto é apenas uma contribuição, uma vez que outros artefatos tecnológicos irão surgir, modificando futuros cenários de ensino e aprendizado.

Dessa forma, foram apresentados no texto os percursos teóricos que nortearam e justificaram a construção de um MOOC gratuito sobre produção, edição e roteirização de vídeos, destinados a docentes e trajado no viés de um compartilhamento de ideias que objetivam um maior alcance destes no que toca a estratégias cognitivas utilizadas em suas aulas.

Acrescentamos ainda que o uso pedagógico dos vídeos permite que novas formas de acessar o conhecimento possam ser contempladas, principalmente quando os indivíduos passam a ser não somente consumidores, mas também produtores de vídeos, prosumidores. Assim, professores – em sua maioria, imigrantes digitais – capazes de utilizar as tecnologias digitais com criticidade e relevância poderão ser bons mediadores do processo pedagógico. Pensando nessa assertiva, buscamos apresentar o desenvolvimento daquele produto educacional (MOOC) que buscou como objetivo o trabalho com a produção audiovisual a partir de uma ferramenta comumente utilizada pela sociedade atual: o celular.

Sem embargo, o celular se configura na contemporaneidade como esse instrumento que poderá dar forma, sinergir entre a intenção em ensinar e a apropriação do aprender. Nessa sociedade, onde a tecnologia digital urge enquanto ferramentas e fonte de pesquisa, o celular imerge popularizado e utilizado por praticamente toda a população, um novo paradigma de comunicação que alcança toda a sociedade e áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CETIC.BR. Portal de Dados CETIC.br. 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_EDU_2016_LivroEletronico.pdf. Acesso em: 10. jun. 2019.

DEUS, A. I. S. Linguagem Cinematográfica e Formação Docente: cinema e educação na ação pedagógica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CINEMA E EDUCAÇÃO, 2014, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre, 2014, BR-RS.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUETT, A. **Fazer cinema na escola**: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e NúriaAidelman Feldman. 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16-4996-int.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GAROFALO, D. Como fazer dos recursos audiovisuais aliados do ensino. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13474/como-fazer-dos-recursos-audiovisuais-aliados-do-ensino>. Acesso em: 05 mai. 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Cip-brasil, 2009.

LE MOS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.4, n. 10, p. 23-40, jul. 2007a.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2. ed. São Paulo: Sêneca, 2004.

MATTAR, J. Aprendizagem em ambientes virtuais: teorias, conectivismo e MOOCs. **Teccogs**: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, São Paulo, n. 7, p. 20-40, jan-jun. 2013. Disponível

em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_7/2-aprendizagem_em_ambientes_virtuais-joao_mattar.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.

MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MORÁN, J. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 27-35, 30 abr. 1995.

MORÁN, J. M. **Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção**. 2009. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/videos.pdf. Acesso em: 06 mai. 2019.

OLIVEIRA, V. F. Isso aqui está virando brasil... Cinema e Produções audiovisuais no espaço da formação de professores. In. **Revista Digital do LAV**, vol. 10, núm. 2, maio-agosto, 92-106. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/28789/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PAZZINI, D.N.A.; VIEIRA, F. V.. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem**. 2013. Artigo (Especialização) – Universidade Federal de

Santa Maria, Centro de Tecnologia, Curso de Especialização em Mídias na Educação, EaD, RS, 2013.

PEREIRA, M. V. *et al.* O relatório audiovisual de atividades experimentais de física produzido por alunos do ensino médio. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 19, 2011. **Anais...**Manaus: SBF, 2011.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** (Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza). Disponível em: http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf. Acesso em: 12 mai. 2019.

PRENSKY, M. O aluno virou o especialista. [Entrevista cedida à Camila Guimarães]. **Época**, São Paulo, 09 jul. 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIALISTA.html>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RIEDO, C. R. F. O que MOOC tem de diferente pedagogicamente de outras modalidades de EaD? Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2017/02/22/o-que-mooc-tem-diferente-pedagogicamente-de-outras-modalidades-de-ead/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SERRES, M. **A polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo zappiens**: educando na era digital. (Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2009.